

A CRIANÇA QUE "NÃO SABIA" QUE ERA ADOTIVA *

Amina Maggi Piccini
Universidade de São Paulo

RESUMO - São apontadas algumas das razões que podem levar certos pais adotivos a preferirem não revelar à criança ter sido esta por eles adotada. Todavia, quando é escolhida a opção de guardar segredos, ou o caminho das inverdades, na tentativa de escamotear eventuais problemas, outros bem mais graves poderão surgir, para os pais, e sobretudo, para a própria criança. Três casos verídicos, retirados de prontuários clínicos, permitem descrever algumas conseqüências negativas, psicológicas e sociais, decorrentes, principalmente, da insegurança dos pais adotivos em assumirem-se serenamente como tais ao lado da criança acolhida em seu lar.

THE CHILD "DIDN'T KNOW" HE WAS ADOPTED

ABSTRACT - The article points out some of the reasons that can lead certain adoptive parents prefer not to reveal to the child that he is adopted. However, when the decision is to keep secrets or to use untruths in order to avoid occasional problems, others, much more severe, can emerge, for the parents, and above all, for the child himself. Three cases drawn from clinical files, allow us to describe some negative consequences, both psychological and social, mainly resulting from the adoptive parents' insecurity in accepting themselves serenely as such towards the child taken into their home.

Várias são as razões e as implicações que tornam difícil aos pais adotivos revelarem à criança, acolhida em seu lar, não ter sido por eles gerada. Há o justificado receio de magoá-la, ao tocar em épocas passadas dolorosas. Há a angústia de serem menos amados por ela e de ter contra si sua revolta, após a revelação. Há a preocupação de incentivar nela, involuntariamente, aspirações de reencontrar a família originária.

É escolhida então, freqüentemente, a difícil opção de silenciar, provisoriamente ou para sempre, guardando para si segredos e dúvidas que acabam sendo camuflados por piedosas inverdades.

* Trabalho apresentado na "Jornada da Adoção" realizada na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em setembro de 1984.

Agradecemos ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) que nos permitiu consultar os prontuários dos clientes, como também às psicólogas Eliana Herzberge Ana Maria de Barros Aguirre e às secretárias Aida Helena M. Dias e Solange Valieri que favoreceram a consulta. Somos gratos às psicólogas Ana Maria Raddi Uchoa e Zina Filler que selecionaram as pastas dos adotivos. Agradecemos também à psicanalista Dra. Esmeralda Villar Marques de Sá que colaborou nesse trabalho; à psicóloga Maria Helena R. C. Oliveira que o revisou e à psicóloga Soma Maria Monteiro Alves que o datilografou.

Quando a criança foi registrada como sendo legítima, acrescenta-se o medo de punições legais, ao se tornar patente a anterior falsa declaração em ato público. Este receio aparecia, sobretudo, anos atrás quando não tinha ainda sido promulgada a lei pela qual a certidão de nascimento do adotivo é idêntica à de um filho legítimo.

Todavia, o que subjaz mais freqüentemente, na árdua situação de não confessar verdades, é o sentimento de acabar inferiorizando ou discriminando a criança e, junto com ela, quem a escolheu, devido a estereótipos ainda vigentes em certos meios, que aumentam a dificuldade dos pais adotivos em assumirem-se abertamente como tais.

Bem sabemos que o adotado não deixa indiferentes as pessoas: algumas o sentem dotado de certo fascínio pelo seu misterioso passado; outras o julgam merecedor de amparo suspeitando antigas desproteções; outras, mais preconceituosas, o consideram, inevitavelmente, marcado por características negativas. . .

Quanto aos adotantes, eles também têm, às vezes, de suportar chavões do tipo "a verdadeira mãe é só quem botou no mundo". Chavão este que, se tem incontestável confirmação no plano biológico, nem sempre o terá dentro de uma visão mais ampla que inclua fatores educativos, psicológicos, afetivos e interpessoais.

A supervalorização da contribuição biológica na maternidade, em detrimento de outros possíveis valores em jogo, pode levar a crer que o relacionamento de uma figura maternal com sua criança será de segunda categoria se não incluir laços de sangue.

Isto explica o sentimento de inferioridade, quase de culpa, de certas mães adotivas diante da hipótese de terem de revelar a quem estão criando que nunca esteve em seu ventre. Embora a pessoa, de quem a criança tenha nascido, não esteja mais a seu lado por morte, renúncia legal ou abandono do filho, ela freqüentemente continuará ocupando, na fantasia, um lugar emocional de prestígio que a nova mãe se sente sem mérito para ocupar.

Este fato, além de poder provocar na criança sentimentos de insegurança e até de desvalorização da mãe adotiva, pela ambigüidade e auto-desvalorização na qual ela própria se coloca, pressupõe evidentemente uma visão parcial e injusta. Não leva em conta que agora cabe a quem ficou com esta criança assumir-se de forma plena no papel de mãe. Papel que inclui, necessariamente, tanto com filhos legítimos como com adotivos, a difícil tarefa de tentar ser (como dizem os psicanalistas) "bom continente" (Bion, 1963; 1966) de suas angústias, problemas, desejos e aspirações, ajudando-os a elaborá-los, num longo processo de mútuo crescimento que vai além da função biológica de ter contido corporalmente uma criança.

A tal supervalorização do aspecto biológico, que tanto inferioriza as mães adotivas, não raro impossibilitadas de engravidar apesar de muito o quererem, não considera outro aspecto da questão e que é: a mãe biológica pode ter ficado grávida sem o desejar, enquanto a adotante quase sempre é movida pelo desejo de ficar com a criança.

Não queremos com isto idealizar a adoção, por ser esta uma situação particularmente delicada e nem sempre fácil, nem desvalorizar as mães legítimas em suas responsabilidades e sua ternura. Estamos somente tentando avaliar o preconceito que perturba o belo ato de querer ficar perto de uma criança, dando-lhe uma família, mesmo que não seja do próprio sangue.

Não pretendemos, também, forçar pais adotivos a confissões que sentem impossíveis de serem feitas. Cada um deles sabe, melhor do que nós, a medida de suas seguranças e inseguranças; quais diretrizes considera mais adequadas para organizar seu lar; qual filosofia de vida foi construída ao longo de suas experiências. Achando-se obrigado a falar sem estar convencido, dificilmente conseguirá favorecer, no ouvinte, a elaboração daquilo que ele próprio não elaborou. Não se trata simplesmente do ato de informar ou não. Há algo que deve preceder este momento: a certeza de que, ao adotar a criança, foi realizado algo desejado, meditado e correto, que permita a manutenção de um contato precioso e de direito, de ambas as partes, sem querer prejudicar ninguém.

Foi comprovado que, quando o filho adotivo traz as primeiras dúvidas sobre sua vinda, se lhe forem fornecidas imediatamente respostas esclarecedoras, na medida certa de suas perguntas, ele irá se acostumando a encarar a sua verdade. Se quem assim informa o fizer com sinceridade, segurança, empatia e afeto, provando a cada instante quanto é feliz de tê-lo ao lado, possibilitará que a criança se sinta seguramente aceita e inserida, com bases sólidas, na nova família. Quando, porém, estas verdades são silenciadas, na tentativa de evitar dificuldades, outras menos controláveis e até imprevisíveis poderão surgir. Entre estas, serão lembradas algumas que apareceram em casos estudados por nós.

Os pais, que não informam ao filho ser ele adotivo, poderão ficar em constante sobressalto, com medo de que um parente, um colega, um vizinho, um documento ou a própria mãe biológica revelem a verdade. E se isto ocorrer, certamente não será da forma mais adequada que a de que eles próprios poderiam ter feito. E, mesmo que assim fosse, ficaria imediatamente evidente que os pais não foram sinceros. Em decorrência disto, a confiança do filho neles poderia diminuir.

Temendo que a revelação ocorresse pela boca de outros, houve casos nos quais, após a adoção, a família resolveu evitar qualquer tipo de contato social, com evidentes prejuízos na sociabilidade de seus membros e na socialização do próprio filho. Ir embora da cidade ou do bairro onde se mora, não acalma totalmente a angústia de imprevisíveis reencontros. Mudanças desse tipo nem sempre são possíveis, e junto com elas iriam as más elaborações internas da situação. Também o filho não seria preservado de novos problemas, havendo nele o total despreparo para qualquer revelação de terceiros ou de indiretas malévolas que lhe causariam um choque emocional, o qual, em certos casos (como no primeiro exemplo que apresentaremos), poderiam até derivar para o somático.

Se, eventualmente, a criança captar pela intuição, o não dito, (como em nosso segundo exemplo) ficará confusa se os pais quiserem convencê-la do contrário. Ou, percebendo que determinados conhecimentos são proibidos (conforme nos alertam Freud (1948) e Melanie Klein (1970)), poderá acabar reprimindo a estes e, por extensão, a outros, com graves prejuízos em seu entendimento e rendimento escolar.

As vezes, sabendo da verdade por antigas recordações (como será nosso terceiro caso) ou por indiscretas informações de outras pessoas, poderá optar por esconder dos pais que já sabe, ampliando-se, assim, de ambos os lados, áreas mudas e censuradas nos diálogos. Ou a decepção por ter sido enganado, durante tanto tempo, impedirá uma justa avaliação de todo o bem recebido do pai e da mãe adotivos.

Pelo fato de os pais esconderem o ato da adoção, será fácil para a criança concluir que se trata de algo vergonhoso, condenável ou indigno, pois não se justificaria para ela, de outra forma, o silêncio a respeito desta questão.

Serão relatados, a seguir, três casos verídicos, cujos nomes serão fictícios, para evitar indevidos reconhecimentos, e que, a nosso ver, estão dentro do contexto que nosso trabalho pretende sugerir.

METODOLOGIA UTILIZADA

O interesse com relação à criança adotiva e a seus familiares levou à idéia de consultar estudos diagnósticos realizados na Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

O que logo chamou a atenção, após a primeira coleta de dados, foi o baixo número de adotivos entre aquela população. Isto porque das 2.811 crianças atendidas na referida Clínica, em 16 anos, desde a sua fundação, somente foram encontrados 36 casos de crianças adotivas, sendo que 14 delas não sabiam sê-lo.

E aqui poderíamos levantar algumas hipóteses colaterais que, por enquanto, não tiveram respostas: terão os adotantes menos interesse em trazer seus filhos para um atendimento psicológico? Ou, terão eles dificuldades em confessar, mesmo para uma psicóloga por eles consultada, que se trata de uma criança que não é do próprio sangue? Ou deveríamos duvidar do estereótipo de que os filhos adotivos são muito mais problemáticos do que os legítimos? . . .

O material recolhido daria margem a uma série de outras perguntas e possíveis ulteriores temas, por ser particularmente rico. Incluí, além das entrevistas com os pais (que nos fornecem informações a respeito de suas expectativas, receios, dificuldades, alegrias e gratificações com relação ao filho por eles descrito), também testes de nível intelectual e projetivos realizados com a criança, numa observação direta, que nos permitem vislumbrar, pelo menos em parte, algo de seu mundo interno e de suas vivências referentes ao ambiente familiar e social que a rodeia. Porém, neste trabalho, com base em tal material, limitar-nos-emos a ficar circunscritos à árdua questão: É aconselhável que a criança saiba, ou não saiba, ter sido adotada?

PRIMEIRO CASO

Dados das entrevistas com os pais

Durante 9 anos, Dona Nair e seu marido tentaram filhos sem êxito. Ela estava preparando roupas para uma eventual adoção quando, um dia, seu pai telefonou-lhe, contente: "Seu filho já nasceu!". O nome da criança foi decidido no carro quando ela, com o marido, foi buscá-lo. Já que alude a uma longa espera que termina com a feliz chegada de alguém, desejado, substituiremos o nome dado pelo de Benvindo.

Da verdadeira mãe sabe-se apenas que fugiu da maternidade sem nunca ter visto a criança. Depois que Benvindo chegou, o convívio entre os pais tornou-se mais tranquilo, sendo que, antes, suas relações sexuais eram perturbadas pela preocupação de um desempenho que levasse à concepção.

Resolveram não dizer à criança que era adotiva. Porém, aos 8 anos, Benvindo soube, de colegas da rua, a verdade. Nair limitou-se a mostrar um papel provando

que não era adotivo. A criança tornou-se mais agressiva e um mas depois teve a primeira manifestação da diabete. Foi internada várias vezes, algumas delas, em estado grave, chegando até a ficar cinco dias em coma. Os vizinhos, nesta ocasião demonstraram piedade, sendo particularmente atenciosos com Benvindo.

Dois anos depois, conforme palavras da mãe, foi "xingado" de adotivo pelos meninos da rua. Desta vez, a mãe confirmou o fato explicando, porém, que "aquilo não era ofensa; não era filho de barriga mas era filho de coração" (sic).

Durante alguns dias Benvindo não quis chamar Dona Nair de "mãe". Esta atendeu ao seu pedido, passando também a chamá-lo pelo nome. Mas, algum tempo depois, o menino perguntou se podia chamá-la novamente de mãe; procurou seu colo "e parecia ter-se normalizado tudo" (sic). Porém, após poucos dias, nova crise de internação. O médico do hospital, percebendo ser sua diabete provocada por choque emocional, aconselhou procurar um atendimento psicológico. Daí Benvindo ter sido trazido pelos pais, aos 11 anos, para a Clínica da USP.

Dona Nair e seu marido não têm nenhuma queixa do filho, só a preocupação pelo seu mal, e desejam que, conforme se exprimem, "seja libertada sua mente para normalizar o pâncreas ou, em caso contrário, que a criança seja ajudada a encarar a doença da melhor maneira possível". "Parece que o problema da adoção se manifestou através da doença", comentam.

Informam que é instável emocionalmente, disperso, e que sofreu uma queda no rendimento escolar quando ocorreu a descoberta traumática. Naquela época, recusava-se a freqüentar os amigos e ir às festinhas. Aos poucos, voltou ao convívio social, embora saiba que não pode abusar dos alimentos. Possivelmente não será aprovado na quinta série, mas os pais não pretendem um rendimento superior ao que vem apresentando.

Tanto o pai como a mãe gostam muito do menino. Tem um bom relacionamento com ele e "conversam muito, de forma bastante aberta" (sic). Querem deixar-lhe uma situação financeira confortável, porque, devido à doença, pensam que ele vai ter dificuldade em encontrar emprego e muitas barreiras na vida.

Ao ler as entrevistas, é possível perceber-se que, embora os pais o tenham desejado e o amem, querendo ampará-lo até no futuro, foram imprudentes quando não o informaram de tê-lo adotado, deixando-o indefeso diante de eventuais informações e caçoadas de terceiros. Pelos comentários agressivos ocorridos na rua, e pelo decorrente apoio dado pelos vizinhos, suspeitaríamos que os adotantes falaram, a outras pessoas, o que esconderam dele. Notamos também que Dona Nair apresenta, às vezes, posturas contraditórias (as assim ditas, em Psicanálise "duplas mensagens" (Bateson, 1972) e também "mensagens bruxas" (Paiva, 1976; 1981; 1982) como quando quis convencer Benvindo que "ser adotivo não é ofensa", embora comente com a psicóloga, ter sido ele "xingado" de adotivo; ou quando afirma serem as conversas em casa "muito abertas", enquanto escondeu do filho, de comum acordo com o pai, por demasiado tempo, a verdade sobre a adoção.

Outros dados chamam a atenção a respeito de momentos de ambivalência destes pais, por outro lado, tão adequados e bons. Benvindo foi amamentado com mamadeira no berço, nunca no colo; a mãe confessa ter tido nojo ao trocar suas fraldas; o pai informa que, ao trazer o filho, de carro, pela primeira vez para casa, teve dor de cabeça com seu choro.

A criança, desesperada, por ter sabido através de estranhos ser adotiva, não consegue, durante certo tempo, pronunciar o nome "mãe", até que seu amor e a saudade dos carinhos maternos fazem-se mais fortes e prementes do que a mágoa.

Todavia, a doença física e a psíquica, instaladas, permanecem.

Sentimos ser muito significativo o mal orgânico que Benvindo apresenta. A pessoa diabética deve tomar muito cuidado com os alimentos. Se transpusermos isto para o plano psicológico, poderemos estabelecer certo paralelismo entre ingestões danosas, mortais, e introjeções dúbias como foram as piedosas mentiras veiculadas pelos pais ou arrasadoras como os xingos dos colegas, tocando pontos vulneráveis.

A doença, que lhe dá sofrimentos e angústias de morte, acaba podendo trazer vantagens secundárias para ele. Essa criança que, pelo desamorda mãe biológica, não experimentou nem uma gota de seu leite, por ter ela fugido dele, e que, ao ser adotada, teve de se contentar com mamadas solitárias de mamadeira, agora, devido à diabetes, tem sempre, quando come, a mãe ao lado observando as comidas. Os pais, preocupados, redobram seus cuidados dando constantes provas de interessar-se por ela e de não abandoná-la, mesmo se doente.

Ao mesmo tempo, Benvindo acaba dirigindo a atenção sobre o fato de estar sofrendo, não só fisicamente, mas de dor psíquica, tanto que será pela diabetes que finalmente os pais o trarão para a clínica. A raiva, antes manifesta ("a criança tornou-se mais agressiva"), dirige-se, agora, para o orgânico, ficando assim protegidos de suas irritações o pai e a mãe, tão importantes para ele. Mas, ao mesmo tempo, alcança-se o intuito, possivelmente inconsciente, de fazê-los meditar sobre o despreparo no qual o deixaram, não o tendo esclarecido em tempo. O fato de não poder comer qualquer coisa poupou-lhe de ir às festinhas, quando ainda traumatizado pelas falas agressivas de certos colegas.

Alguns dados dos testes projetivos

No Machover (Machover, 1957) (desenho da figura humana, que permite detectar identificações) traça um palhaço (veja Figura 1). Traduz com isto, a angústia de ter se sentido tal qual um palhaço quando insistiam em fazer-lhe acreditar em inverdades e quando se tornou o divertimento sádico dos meninos da rua. Esta figura, desenhada com traço leve e colocada sobre patins, indica falta de segurança e de base firme. A originalidade dos detalhes atesta a riqueza da fantasia de Benvindo. Este responde assim a algumas perguntas:

("Que trabalho faz?") "Faz palhaçadas".

("Você gostaria de ser como ele?") "Não!"

("Quais são seus melhores hábitos?") "Não mexer com os outros" (Mas bem sabemos como "mexeram" com Benvindo).

Aparece, freqüentemente, em suas associações, o receio de ficar ingenuamente ignorando determinados fatos graves que, quando descobertos, já não teria mais tempo de contornar. Por exemplo, após traçar, num desenho livre, um veleiro, assim o descreve: "Estavam gostando do passeio. . . Tá pegando fogo! Queimou todas as velas. Vão morrer. Assistindo televisão não perceberam que tem fogo. Vão cair no mar e vão morrer. Ninguém vai se salvar".

Sentimos que ser distraído pela televisão é alusivo à situação de ter sido levado a acreditar numa bela ficção (como a de ser legítimo), o que o tornou indefeso diante das tendenciosas informações dos colegas e lhe impediu de elaborar uma outra bela verdade: a de ter sido acolhido com amor nesse novo lar.

Figura 1

Desenho de Figura Humana por Benvindo (teste de Machover)



Em outro desenho, faz "botas algemadas" que diz serem suas. Pensamos referir-se com isto ao aprisionamento mental e físico de sua personalidade, que teve como causa o mistério inicial a respeito de sua vida.

A área dos olhos, com toda a dimensão psicológica que esta tem, é particularmente significativa em seus testes. No terceiro cartão do CAT (Bellak, 1964) (que retrata um leão sentado num trono, geralmente sentido pelos testandos como sendo uma figura paterna) e que tem ao lado um ratinho (que permite as identificações da criança), comenta: "O leão era meio cego... enquanto que seu amigo ratinho ficava observando. O leão tomava conta da cidade". Benvindo deve sentir que seu pai não pode ou não quer perceber certos problemas, apesar de ter a função de autoridade.

O mesmo dilema entre não querer, não poder enxergar e a urgência de perceber determinados fatos, aparece em outros testes.

A mãe, no desenho da família, é cega de um olho; ao lado dela, alguém está de olhos esbugalhados. Embora tenha desenhado um pai, uma mãe e um filho que se dão a mão, refere-se a outros dois filhos que "tinham ido embora por não haver conversas com o pai", indicando com isto quanto é importante o diálogo aberto, entre duas gerações.

No primeiro cartão do T.A.T. (Murray, 1964), interpreta a reprodução de um menino, sentado diante de um violino, da seguinte forma (em parte aqui resumida): "Ele queria ser policial. Dizia sempre que queria ser e a mãe que não ia ser, porque ela não gostava e ela achava que ele ia morrer. Cresceu e quando fez dezoito anos (. . .) foi estudar na Academia de Polícia (. . .). A mãe não podia falar mais nada porque o filho já tinha crescido e podia cuidar de sua vida". Benvindo, que não foi suficientemente informado, exprime o desejo de, crescendo, ser alguém que, como o policial, descobre mistérios e malfeitos escondidos, apesar da mãe não querer.

Mas, enquanto isto, ao longo de todo o teste, ignora a presença do violino, que é central e patente na reprodução.

Confirmando o que informara D. Nair, Benvindo não gosta de contar ou de inventar estórias. Boceja e mostra-se entediado quando tem que associar verbalmente, nos testes. Pensamos: como poderia gostar de contar estórias, se tantas angústias e dúvidas tem com relação à sua própria história, tão entremeada, durante vários anos, de estórias? Todavia, quando na situação de testes as inventa, traz freqüentes "lapsos verbais" bastante alusivos às suas angústias: ou de terduas mães (. . . "era uma vez duas macacas e o **seu** filho") no cartão VIII no CAT, ou de querer pedir informações sobre uma delas e sobre a que ficará para trás, como no cartão V do CAT diante do qual diz: "Os donos da casa foram embora. Esqueceram de levar a cama e o berço. O filho sempre perguntava **pela mãe** (em lugar de dizer "para a mãe") onde ficou o urso que estava na cama (que é cama de casal). A mãe respondia que não sabia. O pai, porém, sabia onde ficou".

Há também alusões a abandono (com certa identificação com o rejeitador), compensado pelo encontro de alguém que fica perto e faz companhia quando se come. No cartão IX, por exemplo, diz: "Uma vez um coelho que morava numa casa abandonada, onde não tinha vizinho nem ninguém para conversar, passava o dia sozinho (...). Quando acordava ia passear para comer um pouco de capim quando, sempre, encontrava um coelho".

Concluiríamos que o convívio com os pais teria sido ainda mais completo e sadio se estes tivessem incluído, em tempo, diálogos mais esclarecedores com relação à adoção, sem os impasses das falsas informações que a insegurança deles foi criando, durante anos.

SEGUNDO CASO

Dados das entrevistas com os pais e dos testes com a criança

Renato, de 7 anos e meio, não sabe ter sido adotado. Mostra, porém, em seus testes, uma excepcional acuidade intuitiva captando verdades silenciadas pelos pais. Para provar isto, compararemos alguns dados obtidos nas entrevistas (com os adotantes) com trechos dos testes do menino.

Valéria, a mãe substituta, teme que a mãe biológica, que entregara Renato, quando nenê, justificando não ter recursos para criá-lo, volte para buscá-lo. Preocupa-se também com a possibilidade de que o menino venha a saber da adoção pelas vizinhas. "Não gostaria de revelar-lhe a verdade, apesar de saber que é correto. Se julgasse necessário dizer-lhe, gostaria que não se revoltasse e passasse a gostar mais de mim" (sic). Ela começou a preocupar-se quando um coleguinha do menino disse-lhe: "Dona Valéria não é sua mãe, por isto bate tanto em você". Ela desmentiu-lhe imediatamente o fato, justificando que quem era adotivo era seu colega (o que de fato é). Segundo Valéria, Renato ficou um pouco nervoso, mas depois desta explicação "não demonstrou mais sinais de desconfiança" (sic).

Paulo, o adotante, receia, ele também, que a mãe biológica volte e exija o filho. "Se isto acontecesse daqui a alguns anos", comenta, "deixaria a Renato a decisão; mas se acontecesse agora não saberia o que fazer".

Ele teme, ainda, chantagens por parte da progenitora e situações complicadas da lei. Possui daquela, sim, uma renúncia escrita e assinada. Mas se ela

voltasse não poderia usá-la, pois contrariaria a certidão de nascimento de Renato, na qual o declarou como filho legítimo dele próprio e de sua esposa, mesmo sabendo ser isto ilegal (o prontuário é de alguns anos atrás, antes da lei que equiparou, nos documentos, os filhos adotivos aos legítimos).

Vamos agora ouvir Renato em suas associações diante dos testes, para concluirmos se a informação da mãe, de que ele não sabe ser adotivo não deveria ser, eventualmente, escrita com "não sabe", entre aspas, ou, pelo menos, com um ponto de interrogação final.

Resumiremos a estória que ele inventa diante do VIII cartão do CAT (que retrata um casal de macacos sentados num sofá e uma outra macaca, que Renato chamará de "gorila-índia", sentada num puf, com um macaquinho ao lado). O casal de gorilas queria ter o filho da gorila-índia. Eles queriam um filho para cuidar, dar carinho, tudo (. . .). Mas a gorila-índia já tinha carinho com o macaquinho (...). Então a gorila-índia tinha dois filhos que essa gorila (do sofá) queria um filho e a índia deu (. . .). Então, depois que deu, o gorila e a gorila (o casal) perguntaram: "Tem que pagar alguma coisa?". Aí a gorila-índia falou: "Tem!". Era uma coisa assim: "Brilhantes, se vocês tem aí". Aí então a gorila (do sofá) falou: "Isso eu não posso dar". Aí a gorila-índia falou: "Então o filho é nosso e pegou o filho de volta".

Na estória, como o casal "queria pegar o gorilazinho", a gorila-índia chamou os índios-gorilas. "Eles pegaram os dois e levaram... como é mesmo?" (Renato não completa a frase, angustiado. Lembremos que os pais temiam até serem punidos pela lei).

Dona Valéria tem, além de Renato, dois filhos de sangue: Antônio, sete meses mais jovem do que Renato, e uma caçula de 3 anos. Não fica claro se ela sabia, ou não, estar grávida de Antônio, quando adotou Renato, por haver contradições nas entrevistas. Numa, afirma ter-se recusado, no começo, a ficar com Renato por estar grávida, mas que depois resolveu pegá-lo, após 24 horas de seu nascimento, acreditando jamais conseguir dar à luz, por já ter sofrido dois abortos anteriores. Em outra entrevista, diz que só após adotar Renato é que foi perceber estar grávida de Antônio. Sabemos, porém, ao certo que, durante a gravidez de Antônio ("porterque descansar" sic) entregou, imediatamente, o adotivo, recém-chegado, para a avó (materna) que mora com o avô, numa casa nos fundos de seu jardim, só aceitando de volta Renato quanto Antônio nasceu.

Apesar das contradições, podemos concluir que Valéria passara, antes de dar à luz, por um longo período de incerteza quanto à sua capacidade de procriar. Além disto, que sua ambivalência em relação a Renato levou-a a não aceitá-lo imediatamente em casa, só cedendo a isto quando também lá entrou Antônio, que é, pelos dados das entrevistas, sem dúvida nenhuma, seu filho predileto.

Vejamos agora como Renato responde ao primeiro cartão do CAT (que retrata uma galinha ao lado de três pintinhos). "Esta galinha aqui não botava ovo. Ela só andava e cantava. Então, de repente, ficou descansando, descansando, sentada, e ficou sentada na grama seca. E botou um ovo e saiu esse aqui (aponta para o segundo pintinho. Lembremos que também Antônio foi o segundo a nascer). Era um galo que saiu da galinha". Renato alude com isto a uma mãe que tem dificuldade em gerar e que, finalmente, após um longo descanso, consegue ter um filho de sua própria raça.

O relato desse cartão continua com outras alusões interessantes. Será um galo, agora, que botará os ovos. "Ele botava só ovo. Então ele botou um monte de ovos e, de repente, saiu um pato". Renato parece identificar-se com este pato, que

não foi "botado" pela galinha, que é de outra raça. O restante da estória relembra a do patinho feio, pelas andanças e tentativas de entradas em outros ninhos rejeitadores, até que, finalmente, encontra cisnes.

Mas por que alude a ser filho de um galo capaz de tantos ovos? Lendo as entrevistas, percebemos que Valéria, ao ter certeza de que podia gerar seu próprio filho, tornou-se mais ambivalente com Renato, chegando até a confessar à psicóloga que "se tivesse que adotar outra criança não o faria". Já o pai, que nem tinha sido consultado quando Renato foi trazido para casa, mostra manter firmemente uma ótima ligação com o menino. Não se arrepende de tê-lo adotado e diz que, se fosse possível economicamente, adotaria outros. Considera Renato uma criança esperta, muito inteligente e afetiva. Diz brincar com prazer com os filhos e de levar Renato para passear de carro, quando vai às cidades circunvizinhas, a serviço. Refere que a criança costuma chamá-lo de "pai", às vezes de "meu amigão", de "cara legal".

Descreve, com emoção, o primeiro encontro com Renato: "Foi uma surpresa quando, ao chegarem casa, vi toda a casa em festa: minha esposa, os pais (os avós), todos em volta de um bebê. Para mim foi uma alegria muito grande!".

A psicóloga sentiu-o sereno, seguro em seu papel de pai. Identifica-se bastante com o menino, considerando as atitudes deste semelhantes às dele próprio, quando era criança.

O galo que bota tantos ovos relembra-nos também que quem tinha dificuldade em ter filhos era a mãe (Dona Valéria) com seus abortos, não o pai.

No "Teste do Desenho em Cores da Família" (Piccini, 1970), Renato confirma a grande afeição que tem pelo pai. Diz que "é este o melhor de todos" porque "gosta de felicidade, de paz e de amor, não de briga", que "se tivesse algo importante a dizer falaria com o pai; queria falar com ele coisa muito importante, muito importante com ele..." (pausa meditativa) e que "quando for grande gostaria de ser como ele" (sic).

Renato adora também a avó, que o criou, quando pequeno e à casa para a qual corre sempre e se refugia quando Dona Valéria quer bater nele. Esta avó, junto com o avô, tem uma particular predileção por Renato, chegando até a dar só a ele presentes no Natal (como, por exemplo, uma bela bicicleta) e não aos outros 2 netos.

Ainda através do "Teste em Cores da Família", obtivemos material gráfico associativo precioso da criança que bem retrata a sua situação interpessoal e emocional, de acordo com o que pode ser deduzido das entrevistas com os pais. No papel, são retratadas duas crianças (um menino e uma menina) aos quais são dados respectivamente os nomes de Rui e de Fifi. Estas são colocadas no meio da página, havendo em cada lado da folha, um casal que é descrito como sendo: (o da esquerda) "o pai e a mãe" e (o da direita) "a avó e o avô". Como Renato se identifica com Rui, concluímos que exclui o irmão Antônio, predileto da mãe.

Ouçamos agora algumas de suas associações ao teste: "Rui tem este nome porque é muito ruim. Chamaram ele assim. Mas ele era bonzinho e continuava a dizer que não era ruim. O seu nome é que é ruim!". A mãe do desenho é descrita "muito cansada porter um filho na barriga para nascer", acabando por arrumar uma empregada "porque senão ficava muito cansada; mas esta empregada custava caro" (na verdade, Valéria, que se utilizou da avó, não aceita muito a proteção que esta dá a Renato). As associações sobre a mãe continuam desta forma: "A mãe gosta mais de um filho bonzinho; filho bom Ter um filho, né? Bonzinho. Porque Fifi

e Rui **é o filho** da vovó e do vovô. E ela, a mãe, queria ter um filho. A vovó é a mãe de Rui e a vovó é também mãe de Fifi".

Ao refletirmos sobre o conteúdo das entrevistas, concluímos que Renato, em sua vida, teve até agora, três mães: a biológica, a avó e Dona Valéria. As frases desta à psicóloga não provam ter ela aceito plenamente Renato. Atesta que gosta dele "como se fosse filho", "mas que tem coisas nele que me desagradam" ("desobediência, travessuras, no que combina muito com a irmã"), "o que não acontece com Antônio, seu irmão que é um amorzinho". Todavia, diz, "trata todos os filhos de modo igual, o que dá para um dá para o outro; os vizinhos podem atestar isto" (essa sua necessidade de testemunhas mostra sua insegurança).

Neste contexto emocional, torna-se sobremaneira tocante a estória que Renato dá diante do cartão VI do CAT (que retrata um casal de ursos com um ursinho, deitados numa caverna). Descreve ser este não do mesmo sangue do casal; alude a três encontros com mãe(s) e a cruel resposta rejeitadora ao seu desejo de aconchego maternal. "Então ele, **o lobinho** (aponta para o ursinho) saiu com o pai. Então, quando saiu, passeou e achou a mãe que estava perdida. Então acharam uma caverna e foram entrando. Depois sentaram e acharam a mãe. E a mãe estava dormindo. O filho pensava que era macio e foi sentando. Daíentão era a mãe dele. Com as patinhas sentiu que era mole e macio. Daífoi sentando, sentando. Quando deitou, a mãe acordou e fez: "Ummmh!" (ronco). Aí ele entendeu: "Saia de cima de mim!". Assim falou com ele. Então foi esta a estória dos ursos".

Diante deste caso perguntamo-nos, com certa aflição: como se sentirá Renato, tendo de acreditar naquilo que, com palavras e documentos, lhe comunicam, embora sejam outras as mensagens do ambiente que intuitivamente capta, sobretudo as vindas da mãe-Valéria?

Concluiríamos que, se a mãe adotiva aceitasse mais plenamente Renato; se os pais pudessem ouvi-lo nas perguntas, que sub-repticiamente se inserem em seu discurso, sem porém obter respostas, (lembremos: "Queria falar com ele (pai) coisa muito importante, muito importante com ele. . .") seria menos "aéreo" na escola, menos agitado em seu sono, menos rebelde em aceitar as imposições maternas, conforme é descrito pelas queixas de Valéria.

Esse menino tem, todavia, mais qualidades do que a mãe reconhece nele; que, entretanto, os olhos do pai percebem e que o coração, derretido, dos avós atesta: além de particularmente intuitivo, é inteligente, expressivo, afetivo, capaz de gratidão para quem o acolha e ame.

TERCEIRO CASO

Entrevistas com os adotantes e com a paciente

O prontuário de Carla, adolescente de 14 anos (possivelmente por ter sido interrompido o estudo diagnóstico) não contém nenhum material de testes da cliente. Todavia, a comparação entre as informações, fornecidas separadamente, pelas entrevistas individuais e sigilosas da mãe, do pai e da moça, permite detectar grandes contradições entre elas, o que atesta ocorrer um curioso jogo de mentiras, entre os três, naquele lar.

Entrevista com a mãe adotiva

Ela, Dona Irene, procura a clínica por causa do desajuste escolar da filha, acreditando que este problema tenha começado com o ingresso dela na escola. Carla, a mocinha, é também tímida, pouco sociável e a mãe receia que "o fato de ser adotiva, embora não saiba sê-lo, possa estar influenciando no problema dela" (sic). Irene sempre teve medo de que a menina suspeitasse de alguma coisa, mas pensa que a dificuldade é mais sua do que de Carla pois "esta não deve saber nada. É ela própria", assim se exprime a mãe, "que tem o **pecado** de ter uma filha adotiva" (percebemos, desde as primeiras frases das entrevistas, que há ambivalência da mãe quanto à adoção).

Os antecedentes que Dona Irene conta (muitos dos quais não serão confirmados pelo adotante) são os seguintes: Os pais estavam casados há 24 anos sem conseguir filhos. Uma cunhada soube de uma menina de, aproximadamente, dois anos e meio, que fora entregue, pela mãe biológica, à avó paterna. Esta, que morava numa cidadezinha do interior, tinha, porém, dificuldade em criá-la, por ser pobre. Dona Irene, com seu marido Luiz, tiveram um rápido entendimento com a avó, que entregou a guria. Decidiram registrá-la como sendo legítima, porque a adotante "acharia horrível chamá-la de filha de criação" (sic).

A partir daí, tomaram todos os cuidados para que ninguém, salvo algum parente ou amigo mais íntimo, viesse a saber que não era realmente filha deles. Mudaram de bairro. Não contentes, a mãe passou a viver escondida, junto com Carla, num sítio, sem contato com ninguém, a não ser com seu marido.

A mãe real era uma "empregadinha doméstica que não chegou sequer a vera filha" (sic). O pai de sangue, um "cafajeste" (sic), que tentou fazer chantagem com a adoção da menina. Ele queria ter, em troca, um caminhão, mas desistiu da idéia pela energia do adotante, que trabalha também como delegado de polícia.

A avó que, quando a menina estava ainda a seus cuidados, dizia-lhe sempre "que ela não tinha mãe, mas que, um dia, sua mãe viria buscá-la", favoreceu a Carla aceitar a adotante. Essa anciã, uma vez, enviou um vestidinho para a neta, outras vezes mandou recados. Mas quando a entrevistada pediu-lhe para não entrar mais em contato com seu lar, ela obedeceu.

Dona Irene diz quase não saber nada da criança, antes da adoção. Sua constante preocupação foi sempre afastar-se da família de Carla e, por isto, pouco investigou. Isolou-se, com a menina, no sítio, tentando "conquistar sua confiança" (sic). Mas teve, já nisto, uma grande decepção porque "uma filha, se fosse verdadeira e não adotiva, teria, naturalmente, confiança e consideração pelos pais; enquanto que ela (a mãe), teve de conquistar isto em Carla" (sic). A menina lhe causava outras decepções: era malcriada; falava nomes feios; não queria comer outra coisa a não ser arroz, feijão e banana (conforme estava acostumada); não calçava sapatos; e não queria usar os "casaquinhos de lã, enfeitados e bordados", que Dona Irene lhe tinha feito, por não sentir frio.

Para "conquistar sua confiança" (sic), os pais exageravam com cuidados, mimos e brinquedos. Outras vezes, a mãe teve de bater-lhe ou assustá-la com a estória da bruxa que castiga. A medida que Carla crescia "foi melhorando, adquirindo confiança e, agora, é a filha que sempre eu quis ter. Mas se tivesse que começar tudo de novo e passar por tudo aquilo, pelo qual passei, não teria mais **coragem**" (sic).

Já que a menina nunca se referiu à avó ou àquilo que acontecera antes, Dona Irene acha que ela se esqueceu de tudo. Conforme a entrevistada, somente a partir dos 7 anos Carla começou a fazer perguntas. Queria saber que leite tinha mamado e até quando; quantos quilos pesava ao nascer; por que a mãe não tinha tido outros filhos, antes e depois dela. A mãe respondia-lhe "o que lhe viesse à cabeça, para encerrar o assunto" (sic). As perguntas continuaram até os 9 anos; "depois parece que se desinteressou" (sic).

Carla também pede para ver as fotografias e as roupas de recém-nascida (que Dona Irene tinha obtido da avó). As fotos, mal tiradas, datam desde a época em que a menina tinha 3 meses. As primeiras roupas são humildes com relação às que lhe deram depois os adotantes, mas a entrevistada acha que isto não chama a atenção de Carla pois ela nunca faz comentários. A menina conserva a estas como relíquias e fecha seus armários e seu quarto, a chave, para que a mãe não as dê. Quando vem alguma rara visita em casa, logo vai buscar suas roupinhas de criança, mostrando-as para que as vejam (pensamos que deve ser patente a diferença entre as primeiras, de pobre, e as seguintes ("enfeitadas e bordadas").

As pessoas perguntam porque Carla não se parece com os pais. E, realmente, ela tem cabelos lisos e olhos escuros, enquanto que estes têm cabelos crespos e olhos claros, o que deixa Dona Irene aflita.

A menina é muito apegada aos objetos, sobretudo aos do passado. Brinca ainda com o primeiro boneco que lhe deram, quando foi adotada, e que chama de Artuzinho.

Quase não sai. Prefere ficar deitada com sua gata, que adora. Conversa com ela: "Você gosta dessa casa? Não vai fugir de mim?". Quando a mãe lhe pergunta por que fala assim com a gata, Carla responde: "Eu não tenho irmão, só ela. Por isso não quero que fuja" (veremos, ao ler as entrevistas do pai, que este dado é importante do ponto de vista do passado desta adolescente).

Apesar de ser afetiva com a mãe, não conta o que lhe acontece na escola. Dona Irene acaba sabendo das novidades, ouvindo, escondidamente, os longos telefonemas diários que Carla faz à única amiga que tem (nós concluiríamos que uma esconde à outra segredos, havendo curiosidades de ambas em conhecê-los, mas só conseguem ter deles um vislumbre através de buscas indiretas). Embora Dona Irene insista com a psicóloga para que esta não revele a Carla ser adotada, repete constantemente: "Acho formidável porque não preciso esconder nada dela".

A mãe informa que a filha "detesta mentiras". Suspeitamos que Carla deva constantemente perguntar-se a respeito de verdades não ditas por um estranho sintoma que apresenta e que é relatado (sem entender seu significado) pela entrevistada: "Ela tem o hábito de mexer em todas as coisas minhas e de meu marido. Quando chega alguma visita, pega logo a bolsa desta e, com a desculpa de elogiar este objeto pessoal, vai abrindo-o e olhando o que tem dentro".

A adotante tem pavor de que a menina "tenha algo escondido" (sic) por via da mãe dela que "se perdeu" aos 14 anos (idade atual de Carla). Por isto, todo contato com rapazes é evitado. Quando um casal pernoita no sítio. Dona Irene faz com que durma em outra casa ou, se não o consegue, que todos os homens durmam num quarto e as mulheres em outro. Isto para que Carla não tenha contato com fatos sexuais. Dona Irene diz que ela e seu marido "procuram ter vida limpa" (sic) evitando chamar atenção da filha para suas relações íntimas.

Todavia, nesse clima assexuado, certas informações da mãe deixam perplexo o leitor. Durante à noite, a porta do quarto da menina, comunicante com a dos pais, permanece aberta. Além disto, Dona Irene explica que a menina acha bom ficar doente porque os pais "lhe dão muita confiança" (sic). "Pai e filha fizeram um acordo: quando um dos dois fica doente, o outro faz tudo o que o doente faz. Os dois vão para a cama de casal juntos, cobrem-se com o cobertor e comem mingau" (sic). "Hoje", relata a mãe, "o pai foi almoçar com ela na cama. Eu fiz o almoço; levei para eles na cama e comi sozinha na cozinha". É a menina que acompanha o pai nas festas, sendo que a mãe prefere ficarem casa. Dona Irene pede, às vezes, à filha que telefone ao pai "para marcar um encontro, ir ao cinema; assim eles vão. Quando o pai está em casa fica em lua-de-mel com a filha, o tempo todo" (sic).

Desde que a menina chegou, a mãe diz que não brigou mais com o pai. Antes, sim, porque ele tinha o costume de chegar tarde. Mas, depois, não fez mais cenas de ciúme porque diz consolar-se com a filha.

Quando Dona Irene informa que a menina trocou os dentes aos quatro anos e teve menarca aos oito, a psicóloga indaga se ela tinha certeza quanto à data de seu nascimento (veremos que a entrevistadora intui possivelmente algo certo). A mãe responde que sim, embora a menina não tivesse sido registrada antes da adoção.

Pensamos que as falas da mãe, por si só, dispensam mais amplos comentários. Vemos claramente como ela é insegura, contraditória, quantos dados, vindos da filha, procura ignorar; quão pouco estabelece com esta uma situação de real confiança mútua, embora baseie sobre ela sua vida. Mas veremos, lendo as entrevistas com o pai, que mais provas teremos da negação da realidade desta mãe aflita, pela situação de uma adoção que não quer revelar.

Entrevista com o pai adotivo

Ele não somente diz que, no momento da adoção, a menina tinha pelo menos um ano e meio a mais de quanto relatou a mãe (pelo sigilo, não foi informado dos dados fornecidos por Dona Irene) mas que, até os 7 anos, Carla referia-se inúmeras vezes à avó e a uma certa tia Ana, com as quais vivera muito. Também tinha saudades de um irmãozinho, que acabou sendo separado dela portersido adotado por outra família. Quando a menina fazia tais referências à sua família anterior, Dona Irene se angustiava muito e cortava suas perguntas tentando cortar suas recordações.

Um ano após a adoção, Carla perguntou à mãe por que a tinha deixado tanto tempo naquela cidadezinha do interior. Esta respondeu que foi por causa do trabalho, mas logo que pôde foi buscá-la.

A menina é filha de parentes próximos do pai. Há poucos dias, estive em sua casa a tia Ana, possivelmente para rever a menina, que não a reconheceu, mas os pais ficaram preocupados. O Senhor Luiz diz que, se tivesse que adotar outra criança, ou a pegaria nenê, ou lhe contaria logo toda a verdade sobre a adoção, "motivo, agora, de permanente preocupação" (sic). Ele tem a impressão de que Carla se lembra de alguma coisa "mas deve ter recalçado porque é muito fechada" (sic). Só há uns três ou quatro anos, ela deixou de fazer, à mãe, perguntas sobre seu nascimento. Ele acha que essas tinham mais o sentido de investigar o passado do que curiosidade sexual.

A mãe biológica era uma índia boliviana que trabalhava como empregada doméstica. Dois anos depois do nascimento de Carla, teve mais um filho. As duas crianças viviam com a mãe biológica que as fechava, o dia inteiro, no banheiro para poder ir trabalhar (contradições com a entrevista de Dona Irene). Quando a

progenitora de sangue fugiu com outro homem, a menina, com 2 anos e meio, foi para a casa da avó, onde permaneceu mais de um ano.

Logo depois de adotada, o pai real quis vê-la, mas a guria apavorada, agarrou-se ao pai adotivo procurando proteção. O visitante indesejado, além de tentar uma chantagem, comentou: "Cuidado com essa menina. Ela é uma sem-vergonha. Gosta de ter brincadeiras (eróticas) com as outras criancinhas". O adotante informou que proibiu, depois disto, qualquer contato com os pais biológicos, aos quais Carla não estava afeiçoada. Além disto, a mãe resolveu viver isolada com a filha, longe de outras pessoas, para preservar a menina de indevidas informações. Diz que sua esposa, à qual a menina está muito apegada, tem mais contato com ela do que ele próprio.

Entrevista com Carla

Mostra-se fechada e reticente. Pouco fala, mas dá algumas opiniões. Afirma gostar de franqueza, mas que não sabe se seus pais são francos. "Minha mãe pensa que eu sou boba, mas eu não sou. Meu pai, trata-me como uma menina, mas eu gostaria de ser tratada como uma moça. Eu não me queixo, porque não adianta. Eles não vão entender mesmo" (sic). Reservada, evasiva, deu a impressão, à psicóloga, de saber mais sobre sua origem de quanto revela.

Concluiríamos, lendo essas entrevistas que, também neste caso, tudo teria sido mais fácil se a adoção não tivesse sido camuflada por mal contadas invenções. Aqui novamente trata-se de uma mãe insegura e ambivalente quanto ao ato da adoção e de um pai passivo diante das decisões da esposa (embora mais intuitivo do que a mãe). Desta forma, Dona Irene, que tanto quer obter a confiança da filha, acaba tendo em troca dela, o mesmo que a ela dá: apesar do possível afeto, uma carência de sinceridade nos diálogos. As informações, que poderiam vir de viva voz, e diretamente, acabam sendo conseguidas de forma sub-reptícia.

Não pensamos terem-se originados os problemas de Carla com seu ingresso na escola, conforme opina Dona Irene. Quanto ao fato dela ser tímida e pouco sociável (queixa da mãe), meditamos: como poderia ser de outra forma, quando foi criada na mais severa misantropia e no total afastamento de relacionamentos, pelo receio de revelações a respeito da adoção. Apesar disto, esta Rapunzel aprisionada, recordava sua origem, testando constantemente a insinceridade da mãe, ao lhe fazer perguntas a respeito do passado.

CONCLUSÕES GERAIS

Esses três casos de pacientes (um que ficou chocado e doente pela revelação por parte de terceiros; outro que intui verdades que são, porém, proibidas por parte dos pais; e, este último, dessa adolescente à qual é negada a possibilidade de rememorar o que recorda), são uns dos tantos exemplos dos inúmeros problemas que acarreta o fato de não revelar à criança ser ela adotiva. Observamos que a dificuldade, inicialmente, parte dos pais e que depois acaba envolvendo a criança. Ambivalência, preconceitos, inseguranças, culpas, vergonha, temor de perder a criança ou de magoá-la tornam, pelos não-ditos, mais delicada a situação da adoção, fazendo com que o que poderia ser uma decisão enriquecedora, se torne motivo constante de aflições.

REFERÊNCIAS

- BATESON, G. (1972). *Doble vínculo y esquizofrenia*. México: Ed. C. Lohle.
- BELLAK, L. (1964). *C. A. T. - Children Apperception Test*. Paris: Ed. du Centre de Psychologie Appliquée.
- BION, W. R. (1963). *Elements of psychoanalysis*. Londres: Willian Heinemann Medical Books.
- BION, W. R. (1966). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidos.
- FREUD, S. (1948). La moral sexual "cultural" y la nerviosidad moderna em S. Freud. Obras completas. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.
- KLEIN, M. (1970). O desenvolvimento de uma criança (1919-1921) em M. Klein. *Contribuições à Psicanálise*. São Paulo: Ed. Mestre Jou.
- MACHOVER, K. (1957). *Personality projection in the drawing of the human figure*. Springfield: C Thomas.
- MILLER DE PAIVA, L. (1976). Witch message and perspective reversal. *Group Analysis*. 8, 140-145.
- MILLER DE PAIVA, L. (1981). *Tanatismo, crime, psicossomática e psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- MILLER DE PAIVA, L. (1982). *Depressão e suicídio, psicossomática e psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- MURRAY, H. (1964). *T. A. T. - The Thematic Apperception Test*. Buenos Aires: Paidos.
- PICCINI, A. M. (1970). Teste do desenho em cores da família (T. D.C. F.). Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Artigo recebido em novembro de 1985